

Texto integral
Discurso de Homenagem
Francisco Romão de Moura
6 de Setembro de 2019
Associação de Criadores de Bovinos da Raça Alentejana

Senhor Ministro da Agricultura, Senhores Presidentes de Câmara, Senhor Presidente da Associação de Criadores de Bovinos da Raça Alentejana, Senhores Diretores e Representantes das Autoridades do Estado, Regionais e Municipais, Senhores Representantes e Diretores das instituições da sociedade civil, Minhas senhoras e meus senhores

As minhas primeiras palavras são para agradecer o convite formulado pelo Prof. Dr. José Roquette para me associar a esta merecida homenagem a Francisco Romão de Moura, um homem desta terra, que conhecia a sua terra e as suas gentes, sempre viveu dela e para ela, bem como proferir algumas palavras sobre a sua longa e atribulada vida associativa e sobre as suas características pessoais que alguns tiveram o privilégio de apreciar. Para as novas gerações é também útil passar um testemunho àqueles que o não conheceram, um esparso, ainda que incompleto, retrato de um verdadeiro cidadão que assumiu sempre de forma exemplar as responsabilidades cívicas, familiares, de amizade e pessoais.

Aceitei este convite de imediato, pelas razões que a seguir compreenderão. Honra-me fazê-lo, porque na vida ocupada que cada um de nós leva, há sempre alguém que nos preenche de forma distintiva, nos serve de guia e que nos suscita uma saudável e natural inveja: **a sua vida valeu a pena para muitos de nós**. Afirmo-o sem hesitação, sabendo ele, ou não, o valor que teve para todos nós, porque a sua humildade era tão elevada como foi a prestação dos seus serviços à comunidade, a entrega à família e aos seus amigos.

Como dizia o filósofo Ortega Y Gasset “a vida que nos é dada tem os seus minutos contados, e além disso, é-nos dada vazia. Quer queiramos quer não, temos que preenchê-la por nossa conta: isso é, temos de ocupá-la, de um ou outro modo”. E a vida de Francisco Moura foi ocupada a tratar dos assuntos do interesse geral e público, relegando para segundo plano os seus interesses particulares, sem descurar ainda assim as suas responsabilidades para com a família.

Ocupou-se da vida associativa por satisfação e obrigação moral, sem se preocupar com os proveitos desse seu intenso envolvimento. Há um rendimento que hoje lhe queremos atribuir: prestar-lhe esta homenagem, que provavelmente nunca aspirou ou sonhou.

Já falarei sobre os seus inimigos. Numa versão mais cândida, talvez ele escolhesse a palavra “adversários” em vez de inimigos. A palavra “adversários” vestia melhor o seu espírito: um homem bom e humanista pelas suas intrínsecas características pessoais.

O seu mais precioso papel, onde travou as lutas que escolheu, foi a defesa do agricultor, do seu espírito e do seu modo de vida, e fez com que, a quem não pertencia ao mundo agrícola, percebesse que aquele cidadão tinha razão com o seu combate pelo associativismo agrícola e suas causas. A história associativa agrícola veio a provar que teve razão.

Aos agricultores ajudou-os a abrir as portas do diálogo, por ter pugnado por princípios de união, de conciliação de interesses naturalmente divergentes, e de participação e procura de soluções institucionais que os obrigassem a debater os seus interesses à mesma mesa, quaisquer que eles fossem.

Demonstrou pela vida vivida que a união faz a força quando se tem de enfrentar os poderes coercivos do Estado e da política a qualquer momento, e os interesses contraditórios de outras instituições ou outros grupos sociais que regem qualquer sociedade livre.

Aqueles que conviveram de perto com Francisco Romão de Moura e à sua família, em especial ao Pedro Espadinha, José Paulo e outros familiares aqui presentes que não me perdoarão qualquer falha, peço desde já as minhas sinceras desculpas pelos erros, omissões ou imprecisas palavras sobre Francisco Moura, e naturalmente ao Dr. José Roquette pelo convite arriscado que fez. O retrato que farei é da minha inteira responsabilidade.

Começo por uma nota pessoal: Francisco José Romão de Moura nasceu a 6 de março de 1935, no Monte do Alcaide -Urra – Portalegre. Conheci-o em 1968 com apenas 7 anos. E da forma mais inusitada. Vim de África para casa de uns tios em Portalegre, que conhecia apenas por fotografia, para passar umas longas férias de Verão que me ligaram de forma instantânea e duradoura à terra e ao campo.

Na noite da chegada em Lisboa fui brindado com uma ida à Feira Popular. Que melhor podiam dar a uma criança que vinha pela primeira vez à Metrópole do Império Português, se não uma ida à Feira Popular?

Para meu espanto, apareceu para jantar connosco uma pessoa reservada e calma. Fiquei com a imagem de um homem austero e sério. Aliás, agora que sou obrigado a recordar as experiências que tive ainda o definiria dessa forma.

Mas, fez-me um desafio: tirámos uma fotografia numa maquete simulando uma pega de touros, em que eu era o forçado da cara, o meu tio Manuel Moura na posição de forçado na cernelha, que alguns presentes conhecerem, e o Primo Xico do Alcaide como o forçado rabejador. Foi a primeira, única e última pega de touros que fizemos juntos. Guardo essa fotografia. Só já estou eu vivo. Talvez nos voltaremos a encontrar para uma pega na vida eterna.

Desde esse momento fui obrigado a tratá-lo como primo, ainda que o não fossemos, e obrigatoriamente sempre referido como o Primo Xico do Alcaide. Afinal, julgo que Eça de Queiroz (julgo que a expressão lhe pertence) tinha razão quando afirmou que nada mais somos que uma sociedade de primos.

Jamais imaginaria que passados 53 anos aqui estou eu a prestar uma homenagem a quem tão bem me recebeu em 1967. Para quem considera que a vida pode ser uma reta sem sobressaltos, rapidamente perceberá que as voltas e reviravoltas são tais que o melhor é aceitarmos e enfrentarmos os desafios que temos a cada momento e esperar pelos resultados sejam eles ou não favoráveis, previsíveis ou não.

Tenho comigo várias notas biográficas que me foram fornecidas pela Associação na pessoa do Pedro Espadinha. Por uma questão de memória futura, julgo que seria útil que a Associação as coligisse num texto único como a contribuição de Francisco Moura para a história do associativismo agrícola.

Antes de passar algumas delas, entendi que seria mais autêntico e genuíno – e aí podem estar os meus erros – de forma livre transmitir o que afinal retive dos longos anos de convívio com Francisco Moura, ou seja com o Primo Xico de Alcaide, bem como relembrar alguns factos históricos que permitam enquadrar a pessoa com a sua época.

Filho de Agricultores que sempre viveram da terra - Maria Isabel Ponce Romão Tenório de Moura e de Manuel António Moura, fez os seus estudos em Assumar, Portalegre, Évora e Lisboa. Por vicissitudes da vida, após a morte de seu pai no ano de 1967, começou a gerir a exploração agrícola da família.

Mas, como recordo ainda hoje, se a memória não me traiçoa, o primo Xico de Alcaide: era um homem com autoridade, sem ser autoritário. Quando eu era jovem ouvia-nos com atenção. Engrandecia-nos por nos dar o estatuto de adultos, respeitando as nossas opiniões. Escutava atentamente, não era palavroso, mas intuía o que se passava e refletia com sabedoria. Divergia

sem hostilizar, e respeitava os outros. Agia com a consciência livre e pela sua cabeça (que era arrumada), que presumo era fruto da capacidade de diálogo e de apreensão dos problemas. Tirava conclusões sem se precipitar.

Quando me solicitou para representar a Associação dos Bovinos da Raça Alentejana na CAP – a minha primeira experiência de associativismo agrícola em que muito apreendi sobre as dificuldades da mesma, mas também o sítio onde ganhei admiração pela nobreza da função associativa – para cada assunto que lhe reportava ou pedia a opinião, ponderava as diversas alternativas com a sua calma e paciência alentejana, e em caso de divergências, procurava sempre o ângulo do equilíbrio.

Preferia agir a argumentar interminavelmente. Não se impunha por um protagonismo egoísta, mas impunha-se pela sua ponderação e civilidade. Nos negócios que fazia, ainda fiz alguns com ele, era cumpridor e íntegro, e tranquilizava-nos na relação criada. Disse-me sempre: se não estiveres satisfeito, - volta cá que arranjamos uma solução -.

Era um homem com quem podíamos contar para qualquer combate na vida. Era um companheiro sereno e afável. Poucas vezes o vi rir-se, mas as vezes que isso aconteceu, ria-se do fundo da alma. Pareceu-me sempre na sua atitude com os outros, pares, amigos e família um servidor. Por talvez ter tomado as rédeas do poder muito jovem, decidia com independência e rigor perante os outros. Era combativo na sua maneira serena, corajoso, e muitas vezes teimoso. A sua obstinação em resolver os assuntos que afinal nos interessaram a todos nós que estamos ligados ao mundo agrícola trouxe-nos aqui até hoje a esta Associação e é isso que devemos celebrar, comemorar e homenagear.

Talvez seja útil neste momento enquadrar a vida de Francisco Moura com as transformações sociais e políticas da sua época, no seu país e na sua terra, bem como vos relatar alguns episódios que me foram fornecidos e que, em alguns dos casos, tive a oportunidade de presenciar e viver.

Como vos referi, nasceu em 1935. Em 1933, na sequência do levantamento de Maio de 1926, nasceu um novo regime autoritário, o Estado Novo, presidido por Salazar até 1968, regime este que geriu o país até 25 de abril de 1974.

A população portuguesa à data (1935) estimava-se em 6.800.000. Na segunda metade do séc. XX, ainda 57% da população ativa ocupava-se na agricultura e 80% vivia em vilas, aldeias e casais da província. Em 1929, tinha sido lançada a campanha de trigo no Alentejo com a divisa “o trigo da nossa terra é a fronteira que melhor nos defende”. No ano em que nasceu,

e em 1936, o Alentejo teve as melhores colheitas de todos os tempos. Mas, ainda em 1970 a população do campo representava 32% da população ativa (1). Hoje trabalham na Agricultura, produção animal, caça, silvicultura e pesca aproximadamente 6% da população ativa, aproximadamente 292 mil pessoas num total de população ativa de 4.866.000 pessoas (4). São algumas destas transformações a que assistiu o nosso homenageado na sua vida na agricultura. Só em 1963, já com 29 anos, é que a produção industrial ultrapassou a produção agrícola. É reconhecida por muitos historiadores que "...a agricultura portuguesa pagou uma fatura muito elevada pela industrialização do país por uma escolha deliberada de política económica favorável à indústria, através de uma manutenção artificial de um baixo custo de vida resultante de fixação de preços baratos à agricultura nacional" (2).

Foi o período da frase que "estar na agricultura era empobrecer alegremente". Passou pela II Guerra Mundial, pelos efeitos no Estado Novo desta guerra com a segunda fase de Salazar, pelo nascimento da Guerra Fria, pela forte industrialização, pela chegada da Primavera Marcelista e integração na EFTA e finalmente pela Revolução de Abril e pelo PREC.

É em 1973 – talvez fosse premonitório – que se tornou membro activo da ALA - Associação Livre dos Agricultores. É nesta condição de membro activo da Associação Livre dos Agricultores que, no dia 23 de abril de 1974, participou em Beja, conjuntamente com representantes de Agricultores dos três distritos Alentejanos, numa reunião com o então Governador Civil de Beja.

Esta reunião teve como tema a organização de uma feira Agrícola, que seria realizada de forma rotativa, pelas três capitais de distrito. No entanto, viria a ser abruptamente interrompida por razões que os intervenientes, só mais tarde (no dia seguinte), perceberiam. A vocação e a visão que sempre teve sobre o sector levaram a que fosse, desde cedo, um homem ligado ao Associativismo.

Quando em Portugal se davam os primeiros passos nesta atividade, tornou-se um dos primeiros membros, esbarrando pouco depois com o golpe de 11 de Março, a tomada do poder corporizada no Conselho da Revolução com a 5ª Divisão e a chegada de Vasco Gonçalves ao poder. Os novos poderes revolucionários – em que se dizia que os partidos da direita, com o PS incluído, deveriam ser proibidos. A primeira Associação a que Francisco Moura pertenceu tornou-se uma associação de malfeitores na leitura dos poderes da época e rapidamente ilegalizada. Foi a época em que Cunhal explicava a defesa "das profundas reformas sociais que atingiriam os grupos monopolistas e os grande latifundiários" (1) .

Ao abrigo da Lei das Expropriações de 29 de Julho de 1975 cria-se a zona de intervenção da reforma agrária que incluía o Alentejo de Francisco Moura, os distritos de Setúbal, de Santarém a Sul do Tejo e de Castelo Branco a sul da Gardunha. Entre Agosto e de Dezembro de 1975 foram ocupadas 3.311 herdades equivalentes a 19% da área agrícola, mas atingidos apenas 1.000 proprietários. O mais caricato é a revolução ter operado uma maior concentração criando 477 unidades coletivas que rapidamente se revelaram inviáveis (1).

Com a sucessão de acontecimentos relacionados com a agricultura Portuguesa, e com o País em geral, que muitos dos presentes se recordarão, um grupo de pessoas recusaram-se a baixar os braços e a ceder ao ataque do sagrado direito de propriedade privada num Estado de direito e de uma democracia liberal.

Neste grupo de pessoas que se opôs veementemente ao ataque e destruição da propriedade rural do nosso País, encontra-se como um dos seus membros mais ativos, o Xico Moura ou Xico do Alcaide.

Foi nesta altura altamente perturbada social e politicamente, que começa a luta e o trabalho pelo Associativismo Agrícola Português, que ainda perdura até aos dias de hoje. Há que recordar que a agricultura e os agricultores Portugueses, principalmente os Alentejanos, foram os mais acossados no período Gonçalvesista.

Assim, com a proibição ditatorial de existência da ALA, depois de 1974, era imperioso criar uma estrutura que permitisse, a uma só voz, defender a propriedade privada e os direitos dos Agricultores Portugueses.

Era a democracia das amplas liberdades de Cunhal corporizada em Vasco Gonçalves que eliminava por leis revolucionárias os direitos de propriedade dos agricultores portugueses, ocultando as razões naturais eco-sistémicas do nascimento e manutenção do latifúndio, bem como as económicas, e apelando aos sentimentos mais básicos junto da população, criando a ideia de uma classe ociosa, rentista e absentista, omitindo as raízes profundas que impediam a agricultar de gerar receitas e lucros suficientes em emparcelamentos mais reduzidos.

As respostas que os agricultores portugueses deram entretanto aos desafios da nossa integração europeia e à abertura de mercados é prova cabal que, com o modelo de incentivos apropriados, todos os falsos paradigmas sobre a agricultura não passam disso mesmo: *fake news* para alimentar o espírito revolucionário, coletivista e estatista.

Mais uma vez, nesta estrutura de associativismo que nascia liderada pelo Professor Raul Miguel Rosado Fernandes, encontra-se "o Xico Moura".

Iniciaram-se então as reuniões com representantes das diferentes regiões do Território Nacional, que viriam a culminar, em 1976 (5), na célebre concentração de Agricultores de Rio Maior.

Nesta concentração, pela primeira vez desde 74, fez-se frente, de forma corajosa, consistente e organizada, ao governo revolucionário de Vasco Gonçalves.

É em Rio Maior, no célebre 25 de novembro, que nasce a CAP, sendo oficialmente constituída a 22 de Janeiro de 1976, no Cartório Notarial de Rio Maior. Neste grupo de homens e mulheres, que deram origem à CAP, como não podia deixar de ser, estava "o Xico Moura". A partir desta data, nas ações relacionadas com as Políticas Agrícolas e com a defesa dos interesses dos agricultores Portugueses, começa a ser frequente e normal a referência ao nome e à pessoa de Francisco Moura.

A 20 de Janeiro de 1977 é constituída a Associação de Agricultores do Distrito de Portalegre, da qual, Francisco Moura viria a ser o seu primeiro Presidente. Como afirmava, com humildade, isto tudo se foi fazendo porque sempre estava rodeado de um grupo de amigos que, com ele estavam para o desse e viesse. Como aconteceu, no célebre plenário da CAP, na Portagem, em 1976.

Muitas histórias e episódios, alguns caricatos, se poderiam contar, ainda que, se relatados à letra, nos possam parecer ficção nos dias de hoje. Ressalto dois episódios relatados por Pedro Espadinha em resultado das longas conversas com o homenageado.

Episódio - Plenário da CAP na Portagem (3)

Antevendo o que viria a acontecer, o grupo que estava a organizar este grande plenário, colocou estrategicamente pessoas a controlar os acessos ao local – em pleno campo, em São Salvador da Aramenha. Estas pessoas reportavam telefonicamente (sem telemóveis, obviamente) para o que viria a ser a primeira sede da Associação dos Agricultores do Distrito de Portalegre - umas águas furtadas onde hoje é a Câmara Municipal de Portalegre. A situação começou a descontrolar-se quando surgiram os primeiros telefonemas a avisar que o local do plenário estava a ser ocupado por forças arregimentadas pelo PCP, comandadas pelo José Luís de Avis. Depois de alguns confrontos com as forças ditas comunistas, os agricultores que estavam no local do plenário tiveram de fugir. A central de controlo nas referidas águas furtadas, liderada pelo Francisco Moura e pelo Engenheiro José Manuel Casqueiro, conseguiram ajudar a retirada de quase todos os Agricultores que já estavam no local. Um agricultor que julgo aqui presente ficara encerrado durante várias horas num palheiro, com cerca de oito companheiros, um Renault 16, duas espingardas e 1.000 cartuchos. Estavam rodeados por mais de 3.000 militantes e simpatizantes comunistas. Um

susto revolucionário! A estratégia já pensada para controlar o local do plenário começou a concretizar-se. Depois da passagem dos tratores com os revolucionários comunistas que queriam boicotar o dito plenário, isto tudo em pleno campo, começaram a cortar-se árvores, de forma a bloquear a saída dos que pretendiam impedir o encontro. Enfim, os revolucionários depois de encurralados recuaram e o plenário teve lugar.

Episódio – Ministro da Agricultura de Vasco Gonçalves (3)

Na reunião solicitada pelo Ministro da Agricultura de Vasco Gonçalves, durante um plenário da CAP em Rio Maior, os Agricultores escolhidos para acompanhar os já dirigentes da CAP, nos quais estava incluído o Francisco Moura, foram recrutados pela aspereza e dimensão das suas mãos. Desta forma, só foram homens de mãos calejadas (bem calejadas) que se poderiam ver e sentir nos habituais apertos de mão. Quem não as tinha ásperas não poderiam participar. E isto era a revolução em marcha a criar as suas fantasias revolucionárias. Proponho que no fim façamos um teste nesta sala para saber afinal quem tem direito a estar aqui!

É durante esta fase agitada da sua vida que Francisco Moura promove a passagem do grémio da lavoura para a Cooperativa Coopor, da qual foi o primeiro Presidente e seu maior impulsionador. Esta Cooperativa foi fundada a 17 de maio de 1979 e iniciou o percurso sobejamente conhecido. Teve o seu lagar inaugurado a 3 de Dezembro de 1984, ainda sob a presidência de Francisco Moura.

Em 1984, Francisco Moura é agraciado com a Comenda da Ordem de Mérito Agrícola, pelo então Presidente da República General Ramalho Eanes.

Não podíamos deixar de aludir ao tema que nos é mais querido e pensamos que também o foi para o Francisco Moura: A Raça Bovina Alentejana. Na década de 70 é criada a comissão Técnica de Inscrição no Livro Genealógico da Raça Bovina Alentejana, implementada pela então Direção Geral de Pecuária. Desta comissão faziam parte alguns representantes dos Criadores e Francisco Moura era um deles.

Terá sido esta a razão que detonou a posterior constituição da Associação dos Criadores de Bovinos da Raça Alentejana, que viria a ser fundada em 16 de outubro de 1981. Alguns dos presentes nesta sala e mesmo muitos que, por razões várias, não podem aqui estar hoje, testemunharam o papel fundamental do digníssimo Comendador Francisco Moura (para ele, apenas Xico do Alcaide), na Associação dos Criadores de Bovinos da Raça Alentejana, durante 36 anos. Sempre demonstrou uma abertura invulgar a novos desafios e a abrir as portas da nossa casa a todos – comissões, grupos de trabalho, projetos, estudos, investigação, estudantes, turistas, estrangeiros, entre outros. Até aos dias de hoje, todos podemos constatar

uma enorme visão do futuro e um discernimento extraordinário sobre a Agricultura Portuguesa e o Associativismo.

Por estas e por muitas outras razões que não temos oportunidade de hoje descrever, em nome da atual direção da Associação dos Criadores de Bovinos da Raça Alentejana gostaria assim de agradecer publicamente ao Francisco Moura e à sua família e render-lhe a mais sentida homenagem por tudo o que ele fez pela Associação e pela raça de Bovinos Alentejana e votos de esperança que muitos dos aqui presentes e as novas gerações possam prosseguir as pisadas atribuladas deste cidadão que a todos nos orgulha pelo seu exemplar comportamento, atitude e nobreza de espírito. Provavelmente nunca teríamos a sua autorização para prestarmos esta homenagem.

Uma nota final que gostaria de deixar sobre o legado de Francisco Moura: foi à sua maneira um combatente pela liberdade do agricultor e pela preservação daquilo que entendia ser um património nacional. Como alguém disse “é tão importante descobrir um problema novo como descobrir uma solução para um problema velho”. A valorização da liberdade individual requer que sejam reconhecidos os direitos naturais da propriedade, sendo a responsabilidade de qualquer governo de um Estado de direito e de uma democracia liberal como a ocidental de respeitar estes direitos individuais, acolhendo os valores de justiça na sua aquisição inicial ou na sua transferência, sabendo que o sistema de defesa dos direitos de propriedade é a forma mais produtiva do uso dos recursos disponíveis de uma sociedade, como a história agrícola nos ensinou .

À luta de Francisco Moura da época que foi manter o respeito desses direitos (um velho problema que ocorre de vez em quando nas sociedades), hoje opõe-se outra luta (um problema novo) que resulta das constantes e permanentes interferências no uso da terra através de normas regulatórias, ambientais, sociais e fiscais que restringem a liberdade dos agricultores disporem dos seus recursos e dos produtos da terra, introduzindo conceitos e aproximações a uma economia centralizada e planificada ao arrepio muitas vezes dos interesses particulares de cada um e da sociedade como um todo.

A vigilância que teve a geração de Francisco Moura sobre o que se estava a passar no tecido agrícola português requer à nova geração que se questione sempre o que se está a fazer relativamente à sua liberdade de empreender e de desenvolver os seus direitos de propriedade, sem prejuízo de se acautelar as correções naturais aos usos indevidos dos recursos agrícolas que ainda de posse individual, pela sua natureza limitada, significam uma utilidade pública que tem de ser respeitada.

Peço assim a todos uma salva de palmas em memória do homem e do trabalho em prol da comunidade de Francisco Moura o Primo Xico do Alcaide.

Jorge Marrão – um amigo e admirador de Francisco Moura

Fontes consultadas e citadas:

- (1) Ramos, Rui (coordenador); Vasconcelos e Sousa, Bernardo; Monteiro, Nuno Gonçalo, *História de Portugal*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2009
- (2) Costa, Leonor Freire; Lains, Pedro; Miranda, Susana Munch, *História Económica de Portugal – 1143 – 2010*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2011
- (3) Relatos de Pedro Espadinha
- (4) www.pordata.pt